

## UM OLHAR SOBRE O MOBILIÁRIO DO MUSEU NOGUEIRA DA SILVA \*

---

CÉSAR VALENÇA

O conjunto de móveis existente no acervo Nogueira da Silva, não forma em si, propriamente uma colecção. Não houve, como no caso dos marfins ou da louça da China, a preocupação de seguir um rumo determinado. O aspecto funcional e decorativo devem, em parte, dada a especificidade dos móveis, ter presidido por vezes à sua aquisição, não se recuando mesmo na encomenda de cópias quando cumprissem a finalidade desejada. Estas menos escrupulosas aquisições são compreensíveis numa casa particular. A tradição de cópias de móveis era já frequente no séc. XIX, em Portugal foi-se estimulando na proporção do aumento do nível de vida e da "democratização" do gosto por um certo aparato. O hábito das cópias é de resto uma das causas que terá impedido a vulgarização e o êxito do mobiliário desenhado no nosso século.

No entanto, apesar da utilização de cópias na sua residência, o Senhor Nogueira da Silva teve o mérito de adquirir alguns móveis de qualidade tendo sido um dos pioneiros no gosto pelo séc. XIX, que depois da abertura do Museu d'Orsay adquiriu um prestígio semelhante ao da época em que foi elaborado e o reconhecimento de uma originalidade só tardiamente compreendida, na qual cabem evidentemente o ecletismo e um sentido profundo de comodidade. Foi

---

\* Este trabalho está inserido no volume a publicar em homenagem ao Senhor Professor Artur de Gusmão pela Universidade Nova de Lisboa.

aliás a imperatriz Eugénia que criou o hábito dos “fauteils” e sofás confortáveis aliados aos móveis antigos.

No salão principal do Senhor Nogueira da Silva e em lugar de honra, havia um sofá e duas cadeiras de braços da época romântica. Noutra zona da residência, incluindo na sala íntima da Senhora Dona Eugénia, sua Mulher, estavam colocados outros móveis também do séc. XIX, muito representativos e que irão ser estudados na parte final do trabalho.

– Na descrição do mobiliário e por uma questão de método cronológico, pela sua importância, referirei em primeiro lugar o “Cassone Florentino” (fig. 1, com o n.º de inventário 4341 – MB 79 ) com pintura do séc. XV e remontado no séc. XVI, madeira pintada e dourada. A tábua da frente conta a história de Sansão em duas partes, na primeira o herói com os cabelos compridos e cheio de força, luta armado apenas por um bastão com um grupo de filisteus vestidos e armados à maneira do séc. XV. Dois personagens elegantemente trajados observam a cena, vê-se uma casa da época renascentista. Na segunda parte, ao lado direito, dentro de um castelo, ainda com merlões nas torres das muralhas mas já com ares de palácio, arcos redondos à moda da Renascença, encontra-se Dalila esplendorosamente vestida, a cortar o cabelo de Sansão adormecido no seu regaço. Nas duas partes laterais, jovens mulheres tocam instrumentos musicais.

A estrutura do “Cassone” remonta possivelmente ao séc. XVI. É de talha dourada com grifos nas ligações verticais. Pousa sobre quatro patas de leão igualmente douradas como toda a restante talha. O tampo é moderno. Esta arca é destinada a guardar roupa, como as suas congéneres simples, tão comuns em todas as habitações rurais da Europa até ao séc. XIX e em Portugal até aos anos 60 deste século.

Este “Cassone” com a forma de um sarcófago romano, o que nos nossos dias pode parecer bizarro, como tema decorativo, era na Renascença tão bem aceite como para nós as cobiçadas caixas em forma de urna vertical, para guardar talheres e outros objectos, pese embora a sua semelhante origem.

A arca, sendo um dos primeiros móveis a constituir-se, é a “matriz” de que derivam o armário, basicamente uma arca na vertical e ainda os contadores e posteriormente a cómoda, caixa dividida em gavetões que só aparece no séc. XVII e terá uma difusão triunfante no século seguinte. O “Cassone” Nogueira da Silva é um móvel raro nas colecções portuguesas, sendo apenas prejudicado pelo tampo ter sido refeito posteriormente. Está arrulado pelo Diário da República n.º 108, 2.ª série de 5 de Maio de 1956.

Estes móveis luxuosos, destinados às habitações, aparecem pela primeira vez na Itália do norte. Além de uma enorme prosperidade económica, as repúblicas italianas tinham justamente com o humanismo, ou através dele, adquirido o prazer e o orgulho da dignificação da residência. Além da Igreja e da nobreza, o patriciado urbano, a culta, refinada e rica burguesia do norte de Itália, encomendava obras aos mais notáveis artistas do seu tempo. Nessa

época não se fazia ainda a nefasta e artificial divisão entre a grande Arte e as chamadas Artes Menores. Assim artistas como Boticelli e Filippino Lippi decoravam arcas com o mesmo cuidado com que pintavam um fresco ou um quadro.

Tal como nos nossos dias felizmente volta a acontecer, grandes arquitectos como Sangallo desenhavam mobiliário para igrejas ou casas.

Até ao fim do séc. XVII as diferentes partes das casas não estavam compartimentadas, e uma mesma divisão poderia ser quarto de dormir, ter também uma zona de refeições e outra para estar, como pode ser observado no quadro de Jan Van des Straet, gravado por Philippe Jalle e reproduzido por Mário Praz na sua obra "L'Ameublement". A cama dos donos da casa estava na sala principal e nesse aposento recebiam visitas. Só no séc. XVIII, no reinado de Luis XV, esta situação é alterada.

No Minho, nas pequenas casas de lavoura era vulgar a "sala" ter montado junto a uma parede o leito principal e esta situação só foi alterada nos anos 60, início das mudanças estruturais provocadas no norte do país pela emigração massiça dos camponeses para França. Aí encontravam uma sociedade urbana e industrial avançada que, para melhor ou pior, lhes alterou os hábitos e teve uma enorme importância na revolução da arquitectura e nas transformações das mentalidades nas nossas aldeias.

– Os contadores aparecem na Itália ainda no séc. XV com a forma de uma caixa pequena, com gavetas cobertas por uma aba que poderia ser utilizada para escrever. Durante séculos a Itália produziu contadores preciosos, muitas vezes com esculturas que eram utilizados em toda a Europa.

O presente contador da colecção do Nogueira da Silva é um modelo clássico português do séc. XVII (fig. 2, com o n.º de inventário 2753 a 2760) muito semelhante ao da fig. 6 do "Mobiliário de Guimarães" e à fig. 25 do "Mobiliário de Lamego". É de pau santo muito claro, o mais apreciado hoje, com embutidos com forma geométrica, de pau cetim.

Este móvel manteve as asas laterais, como era comum no resto da Europa na época, para facilitar a sua deslocação. Durante a Idade Média, em toda a Europa e em Portugal até muito mais tarde, dada a escassez do mobiliário, era hábito as pessoas deslocarem-se para as suas outras residências acompanhadas por móveis e tapeçarias.

– O contador Indo Português do séc. XVII com sua base (fig. 3, com n.º de inventário 4300 a 4312 MB – 69 a 70) é fabricado com teca e embutidos de marfim.

Este exemplar do mobiliário Indo-Português sofre, como é característica do seu estilo, a influência de três civilizações. A base é formada pelas nagas ou nuguinas, divindades hindus com cauda da serpente. O marchetado é de influência islâmica e a civilização ocidental, representada por Portugal, verifica-se na própria função do móvel. A influência Islâmica remonta na Índia, tal como

na Península Ibérica ao séc. VIII. Foi assimilada posteriormente no séc. XVI por uma corrente mogol de que no Museu Nogueira da Silva existe um medalhão (n.º 12) de meados do séc. XVII descrito no guia por nós organizado.

Este tipo de contadores sempre muito estimados, constam em lugar de relevo no inventário de pessoas ligadas a altas funções no Estado da Índia e no de nobres que acompanharam D. Sebastião a Alcácer Quibir.

O contador possui algumas gavetas aparentes e outras verdadeiras. Lateralmente tem asas para ser transportado, porque pertence, com o seu congénere português, à mesma época e mantém-se a intenção de facilitar as deslocações.

– Armário louceiro, (fig.4, com o n.º de inventário 4501 MB – 105). Móvel português do séc. XVII, feito de sucupira e jargelim, com puxadores, espelhos e dobradiças de ferro.

Este armário é formado por dois corpos com prateleiras interiores, na parte superior é dotado duma prateleira com bilros destinada a copos. O contraste das cores das madeiras de que é construído, forma os jogos de luz e sombra, aumentados pelas almofadas salientes. Sendo um móvel da época barroca, o contraste de cor e as dimensões, aparentam-no à arquitectura da época. Mantém no entanto, uma sobriedade clássica. Deverá referir-se que, mesmo na Arquitectura Portuguesa da época barroca, começa a ser reconhecida uma via paralela classizante atribuída a arquitectos militares.

Este armário tem algumas semelhanças com o louceiro que fez parte da notável “Exposição de Ambientes Portugueses do Séc. XVI-XIX”, presente no Museu Soares dos Reis em 1969 e reproduzido na estampa 36 do catálogo.

– Moldura de talha de madeira de castanho encerada, séc. XVII ou início do XVIII, que terá possivelmente sido policromada (fig. n.º 5, com o n.º de inventário 736 DIV – 143).

Esta moldura, parente próxima de trabalhos de talha usados no barroco, que Robert Smith chamou “estilo nacional” e a que reconheceu uma “tumultuosa originalidade”, está intrinsecamente ligada à talha que se fazia para as igrejas. Aliás, os próprios armários louceiros que aparecem no norte do país com motivos de folhas de acanto e pássaros também eram trabalhados pelos mesmos entalhadores.

Este género de mobiliário que gozou de um enorme prestígio entre os colecionadores da época de Guerra Junqueiro, cujo Museu possui um excepcional armário de talha, caiu depois em desagrado pelas flutuações do gosto, a que nem as antiguidades deixam de obedecer e pelas muitas cópias que os vulgarizaram grosseiramente ainda no séc. XIX e depois na primeira metade do século XX.

A presente moldura de formato oval é encimada por uma coroa fechada e ladeada por anjos, pássaros com cachos de uvas e folhas de acanto.

– Cadeira de um conjunto de seis (fig. 6, com o n.º de inventário 596 a 607 MB – 23/1 a 6 a b) madeira de nogueira encerada à cor com dourado não original na zona do cachaço pernas e pés. Espaldar de linhas curvas de forma muito elegante, rematado por cachaço formando plumas, ligado ao assento por tabela recortada. As joelheiras da cadeira são também entalhadas o que lhe acentua o refinamento. As pernas terminam em forma de sapata com folhagens. As duas travessas laterais são torneadas, estilo D. João V, época do fim da primeira metade do séc. XVIII.

Há uma cadeira semelhante à descrita na fig. 190 do livro “Cadeiras Portuguesas” de J. F. Nascimento e uma outra representada na fig. 117 do “Mobiliário de Guimarães” de A. Guimarães.

– Sofá “D. José” e duas cadeiras de braços, com assento de palhinha (fig. 7, com o n.º de inventário 240 a 265 MB – 12/1 a 13/a b). Fazem parte de um conjunto de 10 cadeiras de braços. Este sofá e cadeiras de braços têm os cachaços com flores, espaldar largo e baixo, tabelas recortadas e vazadas, as pernas em “cabriolet” terminando com pés de cachimbo com folhagens.

Os braços alargavam-se, para que as senhoras se acomodassem com conforto, apesar das saias de ancas volumosas.

As cadeiras têm um aspecto volante que permitia que se juntassem ou afastassem ao sabor dos grupos formados para conversar. O mobiliário, em paralelo com as habitações, tende a especializar-se e haver maior número de móveis. As salas tornam-se mais cheias. Essa tendência irá ser continuada na época Neoclássica, com o Luís XVI / D. Maria. O paradoxo é atingido na época romântica como um verdadeiro horror ao vazio.

As casas das classes altas passam a ter compartimentos destinados a funções próprias. O quarto de dormir separa-se do salão. Cerca de 1750 nascerá a sala de jantar que no séc. XIX terá o seu apogeu com a nova classe dominante. A burguesia transforma-a na zona mais simbólica da casa em termos de ostentação e de vida familiar.

Estes móveis são feitos de pau santo de estilo D. José, terceiro quartel do séc. XVIII, que se podem incluir genericamente no Rocaille internacional, do qual têm a elegância de formas, o novo sentido de conforto e também de intimidade que o reinado de Luís XV tinha posto em moda. A grandiosidade da época barroca é substituída por ambientes de um intimismo refinado e feminino onde o prazer de viver é acompanhado de uma certa futilidade elegante e de uma cultura esclarecida. É a época de Voltaire e também da que se chamou de “Semirámis” do Norte, Catarina a Grande.

Na exposição sobre o Mosteiro de Tibães que esteve patente na Galeria da Universidade, inaugurada a 20 de Dezembro de 1987, escrevi a propósito de uma mesa da autoria de Frei José de St. António Vilaça:

*...Embora se considere usualmente o Rocaille como uma degenerescência do Barroco, essa posição poderá questionar-se, já que o Rocaille é tão*

*inovador e independente que foi chamado de "estilo moderno". As suas formas movimentadas mas alegres e de enorme elegância, opõem-se à magestade pomposa do Barroco.*

*Por outro lado, o Barroco foi, em essência, a Arte do Estado Centralizador e da Igreja da Contra Reforma. O Rocaille anuncia uma sociedade nova, em plena mutação, com novos critérios estéticos, valorizando os individualismos, pedindo intimidade e conforto, preanuncia o desaparecimento do Antigo Regime e realça valores que se vão laicizando. O Rocaille pode ter sido o mais belo, engenhoso e talvez inconsciente dos "cavalos de Tróia", numa sociedade que agonizava e se aproximava com diversos ritmos das grandes mutações económicas, culturais e sociais de que a Revolução Americana e a Revolução Francesa foram o pretexto.*

– Mesa de encostar de pau santo estilo D. José, 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVIII (fig. 8, com o n.º de inventário 656 a 658 MB – 48 / a b c ).

Esta mesa formando curva e contra curva em serpentina, tem as pernas em "cabriolet" tal como as cadeiras descritas anteriormente e apresenta os pés em forma de cachimbo com folhagens. Possui duas gavetas com puxadores de bom desenho. A tabela da mesa é rematada por um elegante avental entalhado com ondulação assimétrica, acentuadamente "rocaille", assim como as tabelas laterais.

Na obra "The Art of Portugal" de R. Smith aparece uma gravura com o n.º 252 de uma mesa semelhante à existente no Museu Soares dos Reis, o mesmo acontecendo no catálogo da Exposição "Arte Portuguesa em Londres", Royal Academy of Arts, Outubro 1955 – Março 1956, estampa XXXV.

Este tipo de móveis, pelos quais desde há anos os colecionadores e também os especuladores mostram um interesse obsessivo, possuem inequivocamente uma elegância de formas e de movimento invulgares em outras épocas do mobiliário português.

– Cadeiras de um conjunto de 6 de madeira de vinhático com tampo de palhinha, ( fig. 9, com o n.º de inventário 669 a 680 e 752 a 757 MB – 28 / 1 a 6) conhecidas no nosso país pela designação de pombalinas. Pertencem aos meados do séc. XVIII e são cópia do modelo inglês "Adam" que obteve enorme êxito em toda a Europa e nas colónias inglesas da América.

Este tipo de mobiliário inscreve-se na raiz do neoclassicismo, apoiado em rígidas normas académicas e baseado nas descobertas arqueológicas iniciadas em Herculano (1709) e Pompeia (1748). A Marquesa de Pompadour que tanto marcou a política como a estética do seu tempo, foi uma precursora entusiástica do novo estilo que irá utilizar nas suas residências, longe da corte, ainda em vida de Luis XV.

A passagem do rocaille para o neoclassicismo foi muito rápida nos grandes meios urbanos. Os móveis têm influência dos dois estilos, Luis XV e Luis XVI durante a época de transição. A versão francesa do neoclassicismo

teve pouca aderência em Portugal e Espanha, com excepção das respectivas casas reais ou da aristocracia da corte. Mesmo em França, na província, o Luís XV manteve-se presente até muito tarde. Em Portugal e Espanha, países com fortunas eminentemente fundiárias, não tinha havido uma acumulação de capitais ligada à especulação financeira, como no caso de França, ou à revolução industrial como na Inglaterra, que permitisse a criação do gosto faustoso e refinado daqueles dois países. Assim, ao neoclassicismo francês em Portugal, foi preferida a versão inglesa marcada por um gosto discreto, mais pragmático, influenciado pelo sóbrio gosto burguês de um país que tivera uma mudança de estruturas político-sociais um século antes do continente.

As colónias de comerciantes de Lisboa e sobretudo do Porto não serão estranhas à rápida divulgação do anglicismo, que aliás no sec. XVIII percorreu toda a Europa que caiu numa anglomania a que nem a França de Luis XVI ficará imune.

Está reproduzida uma cadeira semelhante na fig. 193 no "El Mueble Español" de L. Feduchi.

– Papeleira miniatura, (fig. n.º10, com o n.º de inventário 2762 a 2769 MB – 58 / a b) madeira de pau santo com embutidos de pau rosa, móvel nacional de um modelo tornado clássico dos fins do Séc. XVIII, a que se chama vulgarmente estilo D. Maria e está inserido no movimento português do neoclassicismo.

O pau santo ou pau preto é uma essência tropical também conhecida por palissandra.

O nome de "santo" parece mais correcto do que o de pau preto, embora esta designação seja mais dominante no norte do País. A madeira não é negra como o ébano, tem antes uma cor relativamente clara com bonitos veios mais escuros e dá um magnífico acabamento. Foi utilizada desde cedo pelos portugueses e só no romantismo é utilizado em França ou Inglaterra, onde se preferia usar nos móveis folheados de raiz ou mogno, pau cetim, e outras madeiras, inclusivé de árvores de fruto no mobiliário menos rico, o que também ocorreu em Portugal.

No séc. XVI a resina desta essência, depois de uma infusão, era utilizada contra a sífilis, doença gravíssima e epidémica nesse tempo. Daí, tomou possivelmente a denominação de pau santo .

– Mesa de Jogo, móvel francês, da 2.ª metade do séc. XIX, de linhas neo-Luís XV onde o movimento curvo é excessivo. A marchetaria utiliza a técnica "Boulle" (figs. 11 e 12, com o n.º de inventário 823 MB – 35). Materiais: embutidos de ébano, tartaruga e bronze dourado sobre pinho de riga ou (casquinha).

André Charles Boulle foi um dos artistas de marchetaria mais célebres na época de Luis XIV. Teve uma técnica tão apreciada que o seu trabalho de embutidos usando o ébano, o bronze ou cobre dourado e a tartaruga mantiveram-

se com imenso êxito, desde o séc. XVII aos fins do Séc. XIX, sendo copiado de forma melhor ou pior até Napoleão III.

Houve móveis Boulle no reinado de Luis XIV e no de Luis XV, feitos entre outros pelo filho de A. Boulle que vivia no Louvre como o pai. Ainda em vida o primeiro Boulle foi copiado em Londres e em França. Nos reinados de Luis XV e de Luis XVI, a França, desejosa de novos estilos, abrirá uma excepção a favor do gosto Boulle a que se mantém fiel.

O presente móvel não deixa dúvidas de pertencer ao séc. XIX, época em que o gosto do "bric a brac" se tornou uma mania, como se pode ver nas descrições de "Os Maias" no Ramalhete ou na casa de Craft aos Olivais, ou na de Odette, paixão de Carlos Swan, no "A procura do tempo perdido" de Proust.

A Mesa tem pernas em "cabriolet", o tampo quando fechado é marchetado a bronze, tartaruga e ébano. Aberta é totalmente embutida, com excepção do centro de flanela verde, formando um círculo destinado ao jogo.

As pernas são também integralmente marchetadas no mesmo material, reforçado por bronze dourado e terminam em folhas estilizadas à maneira de Luis XV, embora sem o mesmo equilíbrio.

Na colecção Nogueira da Silva existe uma mesa de centro com tamanho semelhante, do mesmo gosto e época.

– Mesa para chá de "papier mâché", estilo Luis Filipe, fazia parte do mobiliário da sala íntima da dona da casa (figs. 13 e 14, com o n.º de inventário 4313 MB – 71/1).

Tampo redondo de cor negra, como o resto da mesa, profusamente decorada a madrepérola com os temas mais gratos ao romantismo: um castelo gótico junto à água, a lua cheia iluminando a cena com um barco ancorado junto à penedia, à volta flores também de nácar, indispensáveis duplamente num móvel feminino e romântico.

Mesa muito leve. Uma das vantagens do uso do "papier mâché" era o de aumentar as qualidades volantes destes móveis. O tampo é amovível por uma mola, usada já nas mesas de chá do séc. XVIII, que facilita também o transporte da mesa nas passagens das portas, tomando então o tampo a posição vertical. O tampo pousa sobre um pé em forma de balaústre, terminando em pé de galo. O pé central e os pés finais têm filamentos dourados sobre negro. O "papier mâché" aparece nos estilos Luis Filipe, Napoleão III e Vitoriano, entre os quais as diferenças cronológicas são rápidas e por vezes contemporâneas caso do Napoleão III e parte do período Vitoriano.

O "papier mâché" é obtido pela consolidação da pasta de papel sobre moldes com ajuda de cola, ou pela compressão da mesma massa de papel às matrizes. Este material possibilita, de forma relativamente económica, a atracção pelo exotismo oriental, que desde os descobrimentos portugueses se fazia sentir pendularmente na decoração europeia. Não se esqueça o gosto pela "Chinoiserie" no estilo Luis XV e da criação do "Chinese Chippendale". Mesmo na época de Luis XVI, as lacas do Japão e da China eram remontadas e incluídas

nos depurados, refinados e também caríssimos móveis dessa época. O ecletismo do Séc. XIX tem raízes na 2.<sup>a</sup> metade do Séc. XVIII, onde apareceu o gótico revivalista e o “Chineso Chippendale” já citado. O romantismo aliou à atracção pela China um renovado gosto pelo Japão que os Irmãos Goncourt tinham posto na moda.

Assim, os “cache-pots” japoneses com palmeiras de interior, os tabuleiros e caixas de laca de todos os tamanhos e os biombos orientais faziam furor de Boston a S. Petesburgo.

Desde 1825 que a firma inglesa Jennens e Bethridges fabricava pequenos objectos com o aspecto de laca, mas só depois de 1860 esta técnica frágil, pela própria estrutura, se aliou à madeira leve ou metal e é empregue em todo o género de mobiliário.

A Inglaterra, que sempre que perde a fleuma desatina em extravagâncias que deram o imaginativo Pavilhão de Brygthon (1822 – J. Nash), teve como o resto do Mundo Ocidental o mesmo uso deste tipo de móveis que ajudavam a compôr os climas “cosy” tão do seu agrado, aliando as descobertas técnicas às gratas sugestões do seu Império.

– Mesa costureira de “papier mâché” (fig. n.º15 e 16, com o n.º de inventário 706 a 7068 MB – 133 / a b). Pequeno e elegante móvel destinado a guardar os trabalhos de renda, lã ou bordados que as mulheres ainda e por bastante tempo, apenas donas de casa e complementos sociais do marido, executavam como maneira de distracção e forma estética de ostentar as “prendas” ensinadas juntamente com o francês e o piano.

A mesa tem tampo e pernas pintadas de preto copiando a laca. Decoração a madrepérola muito semelhante ao da mesa anterior, com castelo, lua e barco junto aos rochedos. O tampo abre, tendo na parte interior um espelho. Forma na parte de baixo uma caixa forrada de seda rosa com três divisões.

Este móvel indiscutivelmente gracioso é, por si, a súpula de todas as implicações sociais, românticas e burguesas. Terá de acrescentar-se que apesar do elemento burguês, a decoração das cortes de Portugal à Rússia, não escapam ao gosto da época. No nosso País, o Castelo da Pena ou o Palácio da Ajuda possuem faustosas e representativas decorações românticas. A Pena, um dos últimos cenários da nossa monarquia, é também um dos mais notáveis exemplares da arquitectura e decoração românticas, ultrapassando pelo gosto e sendo mais antigo que os celebrados castelos de Luis da Baviera.

– Toucador dos finais do séc. XIX (fig. 17, com o n.º de inventário 10259 a 10273 MB – 310 / a a p). Este móvel faz parte de uma interessante mobília de quarto composta por duas camas, duas mesas de cabeceira, quatro cadeiras, guarda-fatos com espelhos, um lavatório, duas cómodas e um toucador. Esta mobília tem frisos de pau santo, sendo folheada a “olho de perdiz” sobre casquinha. Parte dos interiores das gavetas é igualmente de “olho de perdiz”, o forro e parte das gavetas são de outra madeira exótica também de cor clara.

O toucador tem um espelho de cristal preso a duas colunas encimadas por urnas, com dois braços de metal, formando “apliques” com mangas de cristal gravado protegendo as velas.

Dos lados das colunas dois corpos de gavetas com prateleiras laterais embutidas que ao serem puxadas formam dois pequenos estiradores para os apetrechos de “toilette”. Em baixo, os dois corpos são unidos sob o espelho, por uma prateleira coberta de seda “capitonné” verde água.

Conjunto “Luis XVI – Imperatriz”, bastante posterior ao II Império, possivelmente datado do fim do século. Execução e acabamentos primorosos, de resto uma das características do estilo a que pertence. Embora estes móveis sejam posteriores a Napoleão III, a influência da Imperatriz Eugénia manteve-se em certos meios até ao início do séc. XX.

Sabe-se o fervor que Eugénia de Montijo tinha pela memória da Rainha Maria Antonieta, de quem colecionou móveis e mesmo objectos pessoais. A preferência da Imperatriz Eugénia pelo estilo Luis XVI dever-se-ia à figura de Maria Antonieta, personagem romântica e trágica. Essa obsessão da Imperatriz demonstrou-se suficientemente forte, para que o Neo-Luis XV fosse substituído pelo Neo-Luis XVI e os colecionadores de antiguidades se debruçassem pelo gosto do fim do séc. XVIII, até aí abandonado.

A Imperatriz não tinha a finura nem a personalidade da Marquesa de Pompadour, nem o discernimento estético de Maria Antonieta, mas o seu forte carácter marcou profundamente a França e o Mundo, ultrapassando largamente o reinado do marido. Eugénia ressuscitou o uso dos leques, lançou as crinolinas, criou a aliança entre as cadeiras “confortáveis” e os móveis antigos, fórmula que ainda hoje perdura e se tornou um “clássico”.

Se na “decoração as modas são nostalgias”, é provável que o destino da “Austria” a atraísse, dado que a França do II Império não tendo embora soçobrado com o estridor do “antigo regime”, marcou no entanto o início do fim de um mundo que terminaria em 1918. Assim o gosto da “Espanhola” poderia ser tomado como uma premunção. É sabido que a Arte, não apenas espelha a sociedade, mas por vezes a precede como profeta.

– Móvel de Sala de Receber “Neo-Rocaille”, cerca de 1870, formada por um sofá, duas cadeiras de braços, duas consolas e seis cadeiras, que se supõe terem sido doze inicialmente (n.º de inventário 4293 MB – 66 / 2/ a b). Material: pau santo envernizado e palhinha nos assentos. Existe um exemplar idêntico na foto 141 no livro “O Móvel do Séc. XIX no Brasil”. Cadeiras com espaldar muito recortado em forma de balão, pernas em “cabriolet”. Sofá de três lugares recortados igualmente com pernas ao gosto “Neo-Luis XV”.

Móvel típica da média-alta burguesia comercial de província, este conjunto de móveis vulgarizou-se na Europa inteira e nos Estados da América. Reflectem o acesso das novas classes a um luxo democratizado, nuns casos pela revolução industrial, em Portugal pelo progresso das classes urbanas resultante do liberalismo, pelo incremento do comércio e também pela facilidade

de novos utensílios industriais e técnicas.

Os sofás e cadeiras que nos países do Norte eram geralmente estofados a damasco ou veludo, usando muitas vezes o "capitoné", utilizam neste caso a palhinha não por uma questão de economia desmentida pelo pau santo, mas provavelmente por uma questão do clima temperado que é o português.

Este conjunto pertencia aos Avós do Senhor Nogueira da Silva, razão pela qual, depois de ter transformado e ampliado a residência que fora da sua família, colocou em lugar de honra o sofá e as duas cadeiras de braços no salão principal, na parede oposta ao Cassone Florentino.

Esta atitude, possivelmente mais sentimental do que estética, confirma-o não apenas como um precursor dos colecionadores de objectos do Séc. XIX, mas sobretudo como o Homem que se assumiu como fazendo parte de um meio, o da burguesia comercial, que as honras da Igreja e do Estado, tão justamente conferidas, não fizeram esquecer.

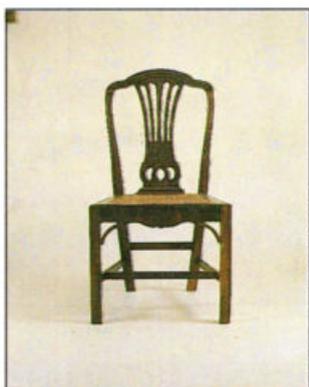
## BIBLIOGRAFIA

- A Arte da Talha no Porto na Época Barroca. (Artistas e Clientelas. Materiais e Técnicas) – Vol. I. Natália do Carmo Marques Marinho Ferreira Alves. Porto 1986.
- Agostinho Marques, Robert C. Smith. "Enxambrador do Cónega". Elementos para o Estudo do Mobiliário em Portugal – 1974.
- Cadeiras Portuguesas. J.F. da Silva Nascimento. Lisboa – 1952
- Catálogo da Exposição de Ambientes Portugueses dos Séc. XVI e XIX – Ed. Museu Nacional Soares dos Reis – 1969.
- "Catálogo da Exposição de Arte Portuguesa em Londres". Royal Academy of Arts. Outubro – 1955 / Março – 1956.
- Connaissance des Arts. "Le Louis XVI Qu' Aimait Eugénie". Helene Demoriane. Outubro – 1961.
- Connaissance des Arts – n.º 307. "La Renaissance Italienne et son Mobilier". Nicolette Dal Pozzo. Setembro – 77.
- De Goa a Lisboa. Maria Helena Mendes Pinto. M.N.A.A. Lisboa – 1980.
- El Mueble Español. L. Feduchi. Barcelona Ed. Poligrafa SA – 1969.
- L' Ameublement. Psychologie et Évolution de la Decoration Intérieur. Mário Praz. Ed. – Tisné. Paris – 1964.\

- La Maison du XVIII<sup>e</sup> Siècle en France. Pierre Verlet. Office du Livre – Fribourg – 1966.
- Le Siècle Français. De Louis XIII à Napoléon. Madeleine Jarry. Éditions Charles Massin. Paris.
- Les Arts Decoratifs de 1790-1850. Léon de Groën. Office du Livre – 1985.
- Le Guide des Styles du Mobilier. Direcção de M. Valsecchi. Ed. Grange Bateliere – 1974.
- Mobiliário Artístico Português de Guimarães. Alfredo Guimarães. Ed. Pátria – 1935.
- Mobiliário Artístico Português de Lamego. Alfredo Guimarães e Albano Sardoeira. Ed. Marques Abreu – 1924.
- Mobiliário do Paço Ducal de Vila Viçosa. Alfredo Guimarães. F.C.B. – 1949.
- Mobiliário Açoriano. Francisco E. de Oliveira Martins. R.A.A. – 1981
- O Móvel no Brasil. Origens, Evolução e Características. Tilde Canti – 1985.
- O Móvel do Século XIX no Brasil. Tilde Canti – 1988.
- Oito séculos de Arte Portuguesa – III Vol. Reinaldo dos Santos / Irene Quilhó. ENP – 1970.
- Os Móveis Portugueses e o seu Tempo. Séc. XV-XIX. Maria Helena Mendes Pinto. Ed. M.N.A.A. / IPPC. Lisboa – 1985 / 1987.
- Styles, Meubles, Décors. Pierre Verlet. Larousse – 1972.
- Summa Artis. História Geral del Arte – Vol. XXX. Arte Português. J.A. França – J. L. Morales y Marín – Wifredo Rincón. Espasa – Calpe , S.A. Madrid – 1986.



|   |   |   |
|---|---|---|
| 1 | 3 | 6 |
| 2 | 4 | 7 |
|   | 5 |   |



|    |   |
|----|---|
| 8  | 9 |
| 10 |   |
| 11 |   |
| 12 |   |



|    |    |    |
|----|----|----|
| 13 | 14 | 15 |
|    | 16 | 17 |

- 
1. 185cm x 98cm x 76cm
  2. 74cm x 44cm x 34cm
  3. 90cm x 135cm x 49cm
  4. 187cm x 220cm x 63cm
  5. 80cm x 53cm
  6. 122cm x 58cm
  7. 179cm x 60cm x 95cm
  - 65,5cm x 51,3cm x 93,7cm

- 
8. 115cm x 81cm x 62cm
  9. 96cm x 51cm
  10. 51cm x 51cm x 29cm
  11. 88cm x 76cm x 88cm
  12. 88cm x 88cm (aberto)

- 
13. 81cm x 77cm
  14. 81cm
  15. 76cm x 51cm x 33,5cm
  16. 50cm x 33,5cm
  17. 163cm x 52cm x 210cm